

EM DEFESA DA TEORIA INTEGRAL¹

Uma resposta ao Realismo Crítico²

KEN WILBER

17 de janeiro de 2013

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

A seguir, duas longas notas explicativas ("Teoria Integral versus Realismo Crítico" e "Pampsiquismo") e um excerto ("Pluralismo Integral") do meu recém-concluído livro, *Sex, Karma, Creativity*, que é o volume 2 da Trilogia Kosmos, cujo primeiro volume é *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*. Essas notas foram escritas, em parte, em resposta ao artigo de Paul Marshall "Toward an Integral Realism" (p. 1-34 desta edição) e, embora apreciem certos aspectos do Realismo Crítico, saem fortemente em favor da Teoria Integral.

Teoria Integral versus Realismo Crítico

A Teoria Integral e o Realismo Crítico compartilham muitos pontos em comum, mas também existem diferenças profundas. Para começar, o Realismo Crítico separa epistemologia e ontologia e faz da ontologia o nível do "real"; enquanto, para a Teoria Integral, a epistemologia e a ontologia não podem ser fragmentadas e fraturadas, pois são duas dimensões correlatas de cada ocasião completa (parte da tetradimensão de todo hólón). O Realismo Crítico sustenta que existem realidades ontológicas que não dependem de seres humanos ou teorias humanas – incluindo grande parte do nível do "real" – itens como átomos, moléculas, células, etc. – e a Teoria Integral concorda, com uma diferença importante: a Teoria Integral é *pampsíquica* (um termo de que eu não gosto, preferindo "paninteriorista", ou seja, todos os seres têm interiores ou protoconsciência, à *la* Whitehead, Peirce, Leibnitz, etc.) – isto é, átomos não

¹ Artigo publicado em dezembro de 2012 no *Journal of Integral Theory and Practice*, 7(4), 43-52. (N.T.)

² O Realismo Crítico é uma abordagem filosófica para entender a ciência, desenvolvida por Roy Bhaskar (1944–2014). Combina uma filosofia geral da ciência (Realismo Transcendental) com uma filosofia da ciência social (Naturalismo Crítico). Opõe-se especificamente a formas de Empirismo e Positivismo, que consideram a ciência interessada em identificar mecanismos causais. Além disso, no contexto das Ciências Sociais, argumenta que a investigação científica pode levar diretamente à crítica de arranjos e instituições sociais, de maneira semelhante à obra de Karl Marx. Nas últimas décadas do século XX, também se opôs a várias formas de "pós-modernismo". É um dos vários tipos de Realismo Filosófico, bem como de formas de Realismo defendidas nas Ciências Sociais, tais como o Realismo Analítico e Realismo Sutil. Fonte: Wikipedia. (N.T.)

dependem de ser conhecidos pelos humanos, mas eles dependem de ser conhecidos uns pelos outros. O aspecto de "preensão" dos átomos (protoconhecimento, protossensibilidade, protoconsciência) ajuda a coenagir³ o *ser* ou o aspecto ontológico dos átomos entre si – suas epistemologia e ontologia próprias são, portanto, inseparáveis e cocriativas. A preensão do átomo faz parte de sua ontologia (e vice-versa) e, à medida que cada átomo apreende seu antecessor, é fundamental trazê-lo à tona ou enagi-lo, da mesma forma que seu próprio *ser* dependerá em parte de ser apreendido/conhecido/incluído por seu sucessor. Se, por enquanto, deixarmos a Mecânica Quântica fora de cena (ver abaixo), nada disso depende dos seres humanos para sua existência ou ser e, ainda assim, a preensão-sensibilidade-conhecimento do átomo é uma parte intrínseca desse nível do "real". A consciência não é algo que possa ser sugado do *ser* para deixar uma "ontologia" livre de consciência, esperando para ser conhecida por algum outro ser senciente; *a consciência, ao contrário, segue todo o caminho abaixo* e faz parte da consciência intrínseca e da criatividade inerente de cada ser ontológico ou hólon. A "categoria última" de Whitehead – ou seja, "o avanço criativo para a novidade" – faz parte da compreensão de todo e qualquer ser existente, e a parte *criativa* não pode ser arrancada da parte *ser* sem gerar grave violência. Postular o nível mais fundamental da realidade como meramente ontológico – *ser* sem conhecimento, consciência ou criatividade – é basicamente um movimento de primeira camada que destrói a Totalidade desta e de todas as ocasiões reais.

Da mesma forma, a transcendência espiritual (Eros) segue também todo o caminho abaixo. Na visão neowhiteheadiana da Teoria Integral, cada novo momento passa a ser um sujeito (com todos os quatro quadrantes) e apreende (tetrapreende) seu antecessor, que agora é um objeto (nos quatro quadrantes) para esse novo sujeito. O novo sujeito "transcende e inclui" o antigo sujeito (agora como objeto) e, assim, eles se cocriam mutuamente: o antigo sujeito, que agora é objeto e está incluído no novo sujeito, ajuda a moldar o novo sujeito, pelo simples fato de estar incluído nele, na verdade abraçado por ele, e, portanto, até certo ponto, determiná-lo. Igualmente, o novo sujeito, incluindo o antigo, é fundamental para trazê-lo à tona ou enagi-lo, cocriando seu próprio ser como um novo objeto ao fazê-lo – o novo sujeito acrescenta seu próprio grau de criatividade, consciência ou novidade, e assim, na verdade, cocria um novo *ser* no próprio ato de unificação preensiva. Esse "transcender e incluir" vai até as menores micropartículas subatômicas, e até os níveis médios de desenvolvimento atuais (onde, como Kegan diz a respeito do desenvolvimento humano, "o sujeito de um nível torna-se o objeto do sujeito do nível seguinte" – que é a mesovisão de preensão de Whitehead – ou seja, que "o sujeito deste momento torna-se o objeto do sujeito do próximo momento" – mas agindo agora em um nível maior, mais elevado, mais complexo e mais consciente) e continua até as macropráticas de meditação, onde a transcendência é a meta geral e

³ Nesta tradução, usaremos o neologismo *enação* (e seus derivados *enagir*, *coenagir*, *enagente*, *enagido*, etc.) cunhado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela a partir da expressão espanhola *en accion*. (N.T.)

ocorre através da objetivação de estágios de estado, do denso ao sutil, ao causal, ao Eu Verdadeiro, até o Espírito supremo (com cada estágio de estado transcendendo e incluindo seu antecessor – o sujeito de um tornando-se o objeto do próximo). Esse Eros (que certamente pode ser visto como espiritual) é o principal impulsionador da evolução em si, começando desde o Big Bang até a Iluminação suprema. Como afirmou Erich Jantsch, a evolução é "auto-organização através de autotranscendência" e que "transcender e incluir" é a forma autêntica do desdobramento da realidade momento a momento.

Além disso, o que o Realismo Crítico descreve como "real" – ou "o nível intransitivo" – é, na verdade e principalmente, a realidade turquesa. Não é o mesmo "real" encontrado no nível vermelho, âmbar, laranja, verde ou índigo. Se o Realismo Crítico explicasse o que ele quer dizer com "ontologia" para indivíduos no nível vermelho, eles discordariam categoricamente, pelo fato de a versão de ontologia do Realismo Crítico estar "acima de suas cabeças". De fato, o que pensadores mais sofisticados hoje chamam de "ontologia" é, na verdade, o nível turquesa de ser-consciência – e não como uma mera descrição, mas como uma verdadeira estrutura ôntico-epistêmica do universo. Esses níveis de ser-consciência não são só níveis do ser humano, mas níveis do próprio Kosmos (e esses diferentes níveis são diferentes mundos!). Portanto, certamente não estou dizendo que essa ontologia ou "realidade turquesa" não seja real, apenas que ela é inseparável da consciência-conhecimento-preensão do nível turquesa do ser-consciência propriamente dito. Não há maneira de contornar isto – exatamente por causa do pampsiquismo (como subscrito por Leibnitz, Whitehead ou Peirce). O nível turquesa olha para o nível atômico, o nível molecular, o nível biológico celular, etc., e conclui que eles encerram uma realidade em si mesmos – uma ontologia – mas não apenas descreve esses níveis como eles se parecem para o turquesa – mesmo se ignorarmos essa parte – como negligencia a dimensão de conhecimento-consciência-preensão dos próprios átomos, moléculas e células, uma dimensão epistêmica que cocria a dimensão ôntica com o aspecto *ser* desses hólons (e vice-versa) – novamente, epistemologia e ontologia são duas dimensões diferentes da mesma Totalidade da ocasião real e não podem ser fragmentadas sem uma genuína violência ao Kosmos.

Assim, por exemplo, considere moléculas durante a era mágica. "Moléculas" não "ex-istiam" (significando "apareciam") em lugar algum do mundo mágico – não havia nada na consciência dos indivíduos no nível mágico que correspondesse a "moléculas". Mas nós, modernos – nós, no nível turquesa – não obstante, assumimos que as moléculas existiam – se não "ex-istiam", elas faziam o que poderíamos chamar *subsistir* (eu concordo). Isto é similar ao transitivo ("ex-istir") e intransitivo (subsistir) do Realismo Crítico – com uma importante exceção: como observado, a Teoria Integral é pampsíquica – *epistemologia e ontologia – consciência e ser* – não podem ser separadas. O que chamamos de "ontologia pré-humana" é na verdade uma *Totalidade epistêmico-ôntica de um hólón senciente pré-humano*, e não meramente uma ontologia desincorporada, flutuante, "uma visão de lugar nenhum". A preensão-conhecimento-protossensação de uma molécula é uma parte inseparável de sua composição ser-ontológico no nível molecular, e ambas são necessárias para

cocriar uma à outra. Ignorar a apreensão (e a consciência) faz com que sobre apenas a ontologia-ser para a molécula, e que a epistemologia-consciência seja concedida somente aos seres humanos (ou mamíferos superiores), não a todos os seres sencientes – eles só conseguem ser, não conhecer. Mas se a consciência-conhecimento humano não está envolvida na cocriação da ontologia de átomos, moléculas ou células, a consciência-preensão *deles próprios* está, por todo o caminho abaixo (*à la* Peirce e Whitehead).

Além disso, quando resolvemos realmente explicar o que é essa realidade de subsistência – o "real" – ela muda com cada nova estrutura (vermelho, âmbar, laranja, verde etc.). O que, sem hesitação, chamamos de "átomos" "ex-iste" no nível laranja; eles se tornam partículas subsubatômicas no verde (mésons, bósons, glúons, etc.); essas se tornam quarks em octetos no *teal*; esses se transformam em cordas com 11 dimensões no turquesa. Não conseguimos *dizer* o que é o nível atômico, exceto a partir de alguma estrutura de ser-consciência, e cada estrutura revela uma nova ontologia, um novo mundo. (Essa ontologia está lá, é real, mas é cocriada pelos hólons preensivos do respectivo nível.) Novamente, isto não corresponde a reduzir a ontologia à epistemologia, mas sim de afirmar que elas são aspectos complementares da Totalidade da mesma ocasião. (Em resumo, eu discordo tanto de Kant quanto de Bhaskar – ou concordo com ambos, dependendo de como se olha para a questão.)

Isto me remete à brilhante análise de Varela e Maturana sobre o mundo (da "realidade") de um sapo. Antes de Varela e Maturana, a maioria dos biólogos seguia alguma forma de teoria de ecossistemas e descrevia a realidade do sapo como existente em vários sistemas da natureza. Mas Varela e Maturana ressaltaram que essa era, na verdade, a realidade do sapo do ponto de vista *do cientista*, mas não do ponto de vista do sapo. A "visão de dentro" do sapo (zona 1) consistia apenas em várias manchas de cor e movimento, cheiros e sons; ele não tinha a capacidade cognitiva de ficar de fora de si mesmo e imaginar todo o sistema do qual fazia parte – apenas o cientista fazia isso (usando a zona 8). A realidade, para o sapo era a visão imediata da zona 1, e o melhor que o cientista podia fazer era tentar captá-la usando a zona 5 – 3p x 1-p x 3p – ou seja, o cientista objetivo (3p), enquanto estuda um organismo objetivo (3p), tenta adotar a "visão de dentro" do organismo ou a "fenomenologia biológica" (1-p) – duas expressões que Varela costumava usar. Varela assinalou que essa "visão de dentro" não era a visão de 1ª-pessoa do sapo propriamente dito que o cientista estava observando diretamente (que seria a zona 1 do sapo), mas a versão exterior da visão interna do sapo (ou zona 5; isto é, a visão de dentro do Quadrante Superior Direito, não a visão de dentro do Quadrante Superior Esquerdo). A questão é que o sapo enage sua própria realidade – sua própria epistemologia ou consciência gera e cocria sua própria ontologia ou mundo (o mais próximo do qual o cientista pode chegar é a zona 5) – e o cientista também enage, ou pode enagir, sua visão própria da realidade do sapo, que muitos cientistas geralmente acreditam ser uma visão sistêmica (zona 8), mas que, na verdade, é uma versão da zona 5. Mas em ambos os casos, o ser e o conhecer são duas dimensões da mesma ocasião real, seja ela qual for. Porém, meramente usar uma visão sistêmica gera uma visão profundamente

antropocêntrica do mundo real do sapo, e afirmar conhecer o mundo real do sapo (zona 1), usando as ferramentas do cientista (zona 8), causa grave distorção ao interior real do sapo.

Portanto, de acordo com a Teoria Integral, o nível do "real" descrito pelo Realismo Crítico não existe como ele o descreve. Na verdade, na visão da Teoria Integral, a realidade é o produto da apreensão-percepção-conhecimento pelo ser holônico de cada um dos hólons no nível particular do real sendo considerado (por exemplo, quarks, átomos, moléculas, genes) e suas relações – os quais tetraenagem e tetraevoluem; e/ou é o resultado da maneira como o mundo emerge e tetraenage a partir de um nível específico de consciência-ser (por exemplo, turquesa) do cientista. Neste último caso, o real não é criado por mera descrição pelo nível particular de consciência-ser, mas emerge como um nível do real com o surgimento das estruturas profundas do nível particular do ser-consciência. (Novamente, esses níveis do ser-consciência não são apenas níveis de seres humanos, mas níveis do Kosmos real.) Esses níveis de ser-consciência (vermelho, âmbar, laranja, verde, turquesa, etc.) não são interpretações diferentes de uma única realidade ou mundo pré-dado, mas são, de fato, *mundos diferentes* em estrutura profunda (um mundo infravermelho, um mundo vermelho, um mundo âmbar, um mundo laranja, um mundo verde, um mundo turquesa, etc., *cada qual composto por hábitos cósmicos ou da Natureza tetracriados pelos hólons sencientes nesses níveis*, como são os mundos atômico, molecular, celular, etc.).

As estruturas profundas desses mundos são ocasiões epistêmico-ônticas do Todo não dual, mas isso não as impede de serem falíveis quando se trata das tentativas dos seres humanos de desvelar, descobrir e descrever as características reais do Todo; ou seja, as abordagens epistêmico-ônticas superficiais são falíveis – essa é uma das razões pelas quais múltiplas *metodologias* – epistemologias que coenagem e cocriam ontologias correlatas, e vice-versa, são tão importantes: quanto mais metodologias usadas, mais provável é que a Totalidade mais profunda (a unidade mais profunda do ser-consciência) seja desvelada e enagida com mais precisão em um maior número de suas dimensões.

Essas características profundas do real são – *à la* Peirce – não realidades eternas pré-dadas de um mundo único, mas *hábitos* da Natureza que foram gravados no universo através da interação de seres semiótico-sencientes (que seguem infinitamente para baixo – incluindo quarks e átomos; e é por isso que existem seres protoconscientes-sensórios-conhecedores presentes *desde o início* para realmente criar hábitos – eles são seres vivos e conscientes *capazes* de formar hábitos! – em vez de ontologias livres de apreensão que não têm escolhas de vida e, portanto, devem obedecer cegamente a leis, algo que tanto Peirce quanto eu, entre outros, consideramos ininteligível. Além disso, de acordo com Peirce, o fato de que cada ser semiótico – infinitamente para baixo – tem em sua composição tripartite um *interpretador*, significa que o ser do hólón é determinado em parte por interpretação – e isso, ele diz, é "inescapável").

O que nos leva a outro ponto. Originalmente, o Realismo Crítico foi criado como uma forma de explicar e justificar os resultados de experimentos científicos (como Karl Popper perguntou, parafraseando: "Como é que a ciência realmente funciona? Funciona porque existe uma ontologia real que pode rejeitá-la"). Mas não está claro de maneira alguma que os tipos de realidades reveladas pela ciência e pelos experimentos científicos sejam os mesmos que funcionam com moral, hermenêutica, estética e introspecção, para citar algumas das múltiplas metodologias existentes e que abordam diferentes domínios de objetos e zonas. Afirmar que somente experimentos científicos dão resultados "reais" é aproximar-se perigosamente do cientificismo, e simplesmente acrescentar outras disciplinas por cima da ciência é, na verdade, reduzir essas dimensões a mera metodologia científica propriamente dita. Reduzir todas as dimensões à ciência certamente me parece estar longe de ser um movimento integral. Fico muito mais satisfeito com as (pelo menos) 8 metodologias fundamentais que revelam diferentes domínios de objetos (e cujas injunções ou paradigmas enagem, geram ou cocriam esses vários domínios, que, novamente, não estão apenas pairando por aí, esperando deparar-se com uma metodologia científica – essa crença é o que Sellars chama de "o mito do dado").

Mais recentemente, Bhaskar introduziu realidades espirituais e consciência em seu esquema. Mas jogar a consciência em cima de um esquema ontológico que foi desenvolvido sem ela é, bem, trapacear. O esquema completo deve ser feito, usando a consciência como parte intrínseca do esquema desde o início, e não apenas importá-la depois que o esquema foi desenvolvido sem ela. As chances de que o esquema tenha algo verdadeiro a ver com a consciência real são reduzidas, pois a consciência se torna um *deus ex machina* para a estrutura principal.

Finalmente, eu seria negligente se não mencionasse, pelo menos brevemente, as alegações feitas em nome da Mecânica Quântica, que, se nada mais, foi assumida como o modelo científico mais preciso e bem-sucedido já inventado (segundo uma estimativa, um milhão de vezes mais preciso que a Física Newtoniana). A preocupação central da Mecânica Quântica gira em torno do que é chamado de "colapso do pacote de ondas" (o que significa, simplisticamente, o seguinte: por volta de 1925-6, Heisenberg e Schrödinger criaram um conjunto de equações matemáticas que descrevem a existência de uma partícula subatômica. A abordagem de Heisenberg apresentava uma complicada equação da matriz S e a abordagem de Schrödinger, um cálculo de onda mais simples. Elas rapidamente se mostraram intercambiáveis nos resultados e, portanto, a equação de onda de Schrödinger, sendo a mais simples das duas, logo se tornou a forma padrão da Mecânica Quântica – "o colapso do pacote de ondas" refere-se ao colapso da versão da equação de onda de Schrödinger). Max Planck (que iniciou a revolução quântica em 1905, sugerindo que a energia não existe como um *continuum*, mas, ao contrário, existe como pacotes discretos ou quanta) notou que, se fosse considerado o quadrado dos resultados da equação de Schrödinger, obter-se-ia a probabilidade de localização específica (e/ou um conjunto de outras características) da partícula em questão (porém obter-se-ia apenas duas características por vez – e – a

dificuldade – quanto *mais* se obtivesse de uma, *menos* poderia ser obtido da outra). Os resultados dessa incapacidade de determinar as duas variáveis foram enunciados de forma precisa pelo que ficou conhecido como Princípio da Incerteza de Heisenberg, que, basicamente, acabou com a causalidade rigorosa nas ciências físicas (e, presumivelmente, removeu a "causalidade" do nível do "real" dos Realistas). Mas a verdadeira surpresa veio do fato de que, antes de medir a partícula para obter algumas informações sobre ela, a partícula existia apenas como uma probabilidade – *literalmente*, não se poderia afirmar se ela existia ou não. Além disso, o tipo de medição que fosse executada na partícula determinava o tipo de ser que seria evocado de fato – diferentes métodos de medição resultavam em seres diferentes com qualidades diferentes. Isso levou John Wheeler a dizer que vivíamos em um universo de "observação participativa". A Mecânica Quântica, agora, é considerada aplicável em escalas que vão do muito pequeno ao muito grande, bem como nas interações cerebrais, biologia, etc., e permanece, pelo que faz, "a teoria física de maior sucesso de todos os tempos".

O que é notável nessa teoria é quão firmemente ela une epistemologia e ontologia – as duas, na verdade, coevocam uma à outra. Uma epistemologia diferente gera uma ontologia diferente, e uma ontologia diferente correlaciona-se com uma epistemologia específica e diferente – cada uma delas, por assim dizer, gerando a dimensão correlata (ou a cocriando).

Não desejo dar muita ênfase ao papel da Mecânica Quântica na Teoria Integral. Quero ressaltar, no entanto, que – começando com Karl Popper – o papel da ciência no Realismo Crítico tem sido predominante, mas a ciência mudou de forma profunda e o Realismo Crítico parece não ter acompanhado. Se alguma vez houve um caso de "meios de conhecer" governarem de várias formas "modos de ser", inegavelmente, a Mecânica Quântica é esse caso. E, considerando que a Mecânica Quântica é a teoria física de maior sucesso na história, a "ontologia" de algo provavelmente deve estar alinhada com ela.

Eu mencionaria que não é apenas a existência dos quatro quadrantes que é importante – muitos teorizadores incluem os quatro quadrantes – mas o que os distingue na Teoria Integral é o fato de serem quatro dimensões diferentes da mesma ocasião, momento a momento. Os quatro quadrantes, além disso, seguem infinitamente para baixo, e isso significa que a própria consciência segue infinitamente para baixo, como uma parte intrínseca do próprio tecido do Kosmos. É isso que diferencia a Teoria Integral de tantas outras teorias. Aspectos da consciência – que é, em si mesma, basicamente uma abertura ou clareira na qual fenômenos subjetivos e objetivos podem emergir – incluem:

- criatividade (como parte da própria abertura na qual inovação e novidade *conseguem* aparecer, e os meios *pelos quais* elas conseguem aparecer);
- uma automática apreensão epistêmica do momento anterior (que cocria ou ajuda a trazer à tona o *ser* ou a ontologia do momento presente – ser "captado" é o que traz à tona o momento anterior e

ser precedido por um *interpretador*, à la Peirce, é o que proporciona a inevitável guinada interpretativa ao *ser* presente);

- enquanto, ao mesmo tempo, a parte da inclusão (de transcender e incluir) significa o momento anterior, uma vez que o sujeito, agora objeto do novo sujeito, é incluído ou literalmente *incorporado* ao *ser* do novo sujeito, alterando assim o próprio *ser* ou ontologia do novo sujeito no ato específico da inclusão – novamente, a epistemologia-consciência e o *ser* holônico são cocriativos e codeterminantes como dois aspectos da ocasião real do Todo. Sugar a epistemologia-consciência-sensação do hólón, deixando apenas seu *ser*, ou ontologia, morto e desnudado, é efetivamente matar o ser em questão e, antropocentricamente, transferir todas as dimensões epistêmicas do conhecer-sentir-consciência apenas para os seres humanos, que, então, propõem teorias sobre esse nível de ser desnudado que chamam de "o real". Isto é trágico.

Além disso, enquanto a parte "transcender" é Eros ou Espírito-em-ação (ou Espírito em auto-organização), injeta criatividade espiritual em todos os momentos (tornando a evolução "auto-organização através da autotranscendência", como expresso por Erich Jantsch) – a parte "incluir" cuida dos aspectos geralmente conhecidos como "causalidade" e indução. Se o grau de criatividade ou novidade em um hólón-ser é extremamente pequeno (como, digamos, em um quark), o componente incluído do momento anterior será de longe o determinante mais forte do novo sujeito, e o novo sujeito parecerá completamente determinista (com pouca criatividade para se opor à causalidade). Mas Whitehead ressalta que nunca a criatividade de um ser é absolutamente zero; ela pode ser apenas extremamente pequena e, portanto, não existe determinismo estrito ou causalidade rigorosa (o mesmo é sustentado pela Mecânica Quântica). Adicionalmente, quanto mais elevado o hólón se encontra no Grande Ninho do Ser, mais novidade e criatividade ele possui – um físico pode prever, aproximadamente, onde estará Urano daqui a mil anos, mas nenhum biólogo pode dizer onde meu cão estará daqui a um minuto. Porém, para aqueles hólons-seres com pouca criatividade, a mecânica de "transcendência e inclusão" é responsável por uma resposta à crítica de Hume sobre causalidade e indução (isto é, considera sua existência, mesmo quando ambas tornam-se cada vez menores quanto maior o grau de desenvolvimento e evolução).

Repito que há muita coisa no Realismo Crítico que eu aprecio. Aprecio particularmente ter um aliado contra o relativismo do pós-modernismo radical (mesmo que, infelizmente, ainda encontre problemas em como o Realismo Crítico faz isso, arrancando a consciência do Kosmos e deixando o "real" apenas como uma "ontologia" desnudada). Mas pode-se dizer que seu coração está no lugar certo; Bhaskar é um ser humano verdadeiramente extraordinário, e tudo que um filósofo deve ser, na minha humilde opinião (isso me lembra, nobremente, penso eu, o que Habermas disse sobre Foucault depois do famoso encontro entre ambos – "ele é um verdadeiro filósofo" – elogio genuíno de Habermas). O

engraçado é que vários teorizadores ressaltam como o Realismo Crítico e a Teoria Integral podem chegar a um acordo geral (e até bem próximo), com algumas mudanças fundamentais: eu, aceitando a ontologia como "o real"; e o Realismo Crítico, aceitando o epistêmico-ôntico como dimensões correlatas da mesma Totalidade real dos hólons sencientes, descendo até o fim. À medida que estudo o Realismo Crítico, continuo percebendo-o sutilmente – muito sutilmente – reduzir tudo à ancoragem final nos quadrantes do Lado Direito, essencialmente livre de apreensão (e tenho certeza de que o Realismo Crítico vê a Teoria Integral como uma sutil redução de tudo aos quadrantes do Lado Esquerdo). Mas minha posição é, e continua sendo, que todos os quatro quadrantes são igualmente reais, igualmente presentes, tetraenagindo e tetra-evoluindo, e qualquer coisa menos que isso (junto com níveis, linhas, estados e tipos, fulcros e pontos de mudança, Pluralismo Metodológico Integral e Pós-Metafísica Integral) dificilmente pode ser chamada de "integral".

Pampsiquismo

Quando afirmamos que, por exemplo, os átomos não "ex-istem" para indivíduos mágicos, queremos dizer, como observado, que não há nada na consciência (ou registros) do indivíduo mágico que indique qualquer conhecimento sobre átomos. Ainda assim, nós, no mundo moderno e pós-moderno – digamos, turquesa – assumimos que algo como "átomos", era real e existia em certo sentido durante a época mágica – e é a esse sentido que chamamos de "sub-sistência". Os átomos não "ex-istiam", mas "sub-sistiam".

Porém, dois pontos importantes sobre isso. Primeiro, a Teoria Integral é uma versão do *pampsiquismo* (um termo que me incomoda; prefiro "paninteriorismo"), significando que todos os hólons têm exteriores e interiores, infinitamente para cima, infinitamente para baixo. Os interiores são as "preensões" de Whitehead, as quais, como ressaltamos, ampliamos para "tetrapreensões"). E isso significa que, antes mesmo que os seres humanos surgissem – antes mesmo que as moléculas surgissem – todos os quatro quadrantes de átomos estavam envolvidos na cocriação deles. A ação de cada átomo contribuía para a abertura ou clareira na qual outros átomos poderiam aparecer um para o outro – em suma, a protoconsciência ou apreensão de cada átomo contribuiu para o *ser* ou *ontologia* de cada átomo. Este não era apenas um nível de ontologia completamente divorciado da epistemologia, mas uma ocasião em que *conhecer* e *ser*, *consciência* e *forma*, eram dois aspectos complementares do mesmo acontecimento, e não podiam ser separados ou dilacerados sem grave violência à realidade dos seres atômicos. Portanto, nesse sentido fundamental, epistemologia e ontologia não podem ser separadas (ou mais especificamente, *Quem x Como x Quê*, epistemologia x metodologia x ontologia, são várias dimensões de cada ocasião real [ver abaixo]).

Nem podem ser separadas quando se trata do ser humano. É comum que as escolas do Realismo e do Positivismo sustentem que os "átomos" existem sem serem conhecidos pelos seres humanos (e existiam quando os humanos

sequer haviam evoluído) – ao passo que, na verdade, os átomos "*sub-sistem*" (não "*ex-istem*") sem serem conhecido pelos seres humanos. Mas os átomos são conhecidos uns pelos outros – e seu conhecimento mútuo contribui para o seu ser mútuo – sua epistemologia e ontologia estão inseparavelmente ligadas *entre si* (os humanos não são necessários, mas os quatro quadrantes sim). Nem o *ser* nem a *consciência* podem ser separados um do outro, em qualquer nível, sem violência grave. Os quatro quadrantes seguem infinitamente para cima, infinitamente para baixo.

Além disso, quando se trata de dizer exatamente o que é que "*sub-siste*" no nível atômico, a consciência humana, o conhecimento e a interpretação são inevitavelmente trazidos à cena. O fato fundamental que o Realismo e o Positivismo continuam ignorando é que diferentes níveis de ser-consciência (e diferentes metodologias) geram mundos diferentes. Não é – como sustenta o "mito do dado" – que exista um mundo único, pré-dado, que seja interpretado de maneira diferente por diferentes visões de mundo (embora isso possa acontecer), mas antes que esses diferentes níveis de ser-consciência produzem *mundos diferentes* – há um mundo vermelho, um mundo âmbar, um mundo laranja, um mundo verde, um mundo verde-água, um mundo turquesa e assim por diante, e cada um deles tem fenômenos diferentes com diferentes ontologias. Os átomos – que "*sub-sistem*" desde logo após o Big Bang – não "*ex-istem*" até o nível laranja, onde são retratados como um pequeno sistema planetário com núcleo solar e elétrons planetários. No verde, o mundo atômico agora parece ser composto não apenas de elétrons, prótons e nêutrons, mas também de mésons, bósons, léptons e outras partículas subsubatômicas. No verde-água, essas numerosas partículas são reunidas em uma síntese unificada conhecida como "caminho óctuplo" dos quarks – com a descoberta do bóson de Higgs dando maior credibilidade a esse paradigma. Mas no turquesa, um paradigma inteiramente novo, baseado em colisores de altas energias, sugere teorias conhecidas como "teoria das cordas", "teoria M", "teoria das supercordas" e "uma teoria de tudo" – onde o universo é visto como composto por onze dimensões, o que dá origem a "múltiplos universos" ou "multiversos". A teoria das cordas é a única teoria que promete ser uma "teoria de tudo", juntando itens que as teorias físicas anteriores foram incapazes de juntar – mas ela é tão complicada e tão abstrata a ponto de ser geralmente aceito que jamais será concebido um experimento empírico capaz de provar ou refutar a teoria. A física, agora longe de ser a "rainha empírica das ciências", tornou-se a "teoria abstrata das ciências" por excelência, com uma visão de mundo profundamente pitagórica.

O ponto é que essas diferentes teorias – e diferentes epistemologias e diferentes ontologias – surgiram com níveis cada vez maiores de ser-consciência e apontam mais uma vez para o fato de que tanto o que "*ex-iste*" quanto o que "*sub-siste*" dependem do nível de epistemologia (e de várias metodologias) cocriando um nível particular de ontologia. Novamente, ambas – epistemologia e ontologia, conhecer e ser – não são dois eventos totalmente separados, mas sim dois aspectos complementares da mesma ocasião, uma ocasião tetraenagida por todos os quatro quadrantes simultaneamente (o que significa, mais amplamente,

um *Quem x Como x Quê*, ou um sujeito/epistemologia x zona/metodologia x zona/objeto, no mínimo, para o Endereço Cósmico [ver abaixo]).

Pluralismo Integral

Muitas dessas importantes distinções são bem exemplificadas por Sean Esbjörn-Hargens em seu artigo "An Ontology of Climate Change – Integral Pluralism and the Enactment of Multiple Objects"⁴. Ele começa pelo bem aceito princípio da Teoria Integral de que um objeto ou fenômeno não é apenas algo que está por aí esperando para ser descoberto, mas é enagido, onde "enagido" consiste em, pelo menos, um *Quem* (epistemologia) x *Como* (metodologia) x *Quê* (ontologia). Ele ressalta que, em sua opinião, embora a Teoria Integral enfatize o *Quem* pluralista e o *Como* pluralista, ela geralmente assume um único objeto (conquanto isso, muitas vezes, seja verdade, acho que talvez ele negligencie minha insistência em que diferentes epistemologias/metodologias enagem diferentes espaços de mundo – isto é, diferentes objetos ou ontologias – o que tenho enfatizado com frequência e seriedade, e mais ainda em escritos recentes). Mas, deixando de lado essa imprecisão generalizada (Sean admite que é uma questão de ênfase e que, teoricamente, a Teoria Integral está plenamente consciente desse ponto e insiste nele), sua discussão sobre ontologias pluralistas é esclarecedora.

Ele começa indicando que, de fato, a Teoria Integral sustenta que objetos simples são apenas uma interpretação da ontologia, e que muito mais útil (e mais exato em certo sentido) é que cada objeto seja realmente um objeto multiplamente diferente – uma garrafa de refrigerante vazia, por exemplo, pode ser usada para várias finalidades (um instrumento musical, um vaso de flores ou uma oportunidade para reembolso de um depósito). "Em cada caso", diz ele, "o status ontológico da garrafa é enagido em parte pelo método de interação com ela. ... Em outras palavras, o status ontológico de um objeto não é totalmente independente do agente ou da ação envolvida." É importante observar que essa é uma diferença real na ontologia – na "coisa" real que, literalmente, muda com os diferentes usos – e não apenas uma diferença na descrição ou classificação (na minha opinião, esse é um contraste importante que Sean tende a ignorar , o que leva a uma superestimação do Realismo Crítico, como veremos). Mas, por enquanto, vamos nos referir a uma mudança real na natureza real ou ontologia real de um objeto pela expressão "mudança ontológica real" (ou "objeto ontológico real") e a uma mudança que se deve apenas a diferentes definições, classificações ou visões, pela expressão "ontologia descritiva" (ou "objeto ontológico descritivo").

Sean deseja visualizar a mudança climática como um múltiplo objeto ontológico real, e não meramente como um objeto ontológico descritivo ou um

⁴ "Uma Ontologia da Mudança Climática – Pluralismo Integral e Enação de Múltiplos Objetos". Ver Referência. (N.T.)

objeto único, uma visão que eu compartilho totalmente (ambos percebemos que ela pode ser vista como um objeto único, mas não de forma eficaz). "O pluralismo ontológico é enagido por um incremento em três eixos: *distância epistemológica*, *variedade metodológica* e *complexidade ontológica*" – o que ele simplifica como *Quem x Como x Quê* e que eu resumi anteriormente como quadrante x quadrivium x domínio (embora eu goste muito de *Quem x Como x Quê*). Sean admite que a Teoria Integral pelo menos reconhece esse pluralismo triplo (incluindo o ontológico: "práticas metodológicas geram fenômenos"). Eu diria que os geram "parcialmente", mas o ponto é suficientemente claro. Também discordo levemente, creio eu, porque sustento que (pelo menos) todas as três coexistem e não se pode ter uma sem as outras. Costumo dizer que "epistemologia e ontologia são dois aspectos complementares da mesma ocasião" ou, outras vezes, "a estrutura do sujeito cocria a natureza dos fenômenos percebidos" – mas, como deixo claro, acho que todos os três processos (*Quem x Como x Quê*, juntamente com alguns outros) são uma parte inseparável do Pluralismo Metodológico Integral (na teoria e *na realidade*). Todos os três são em geral diferentes – frequentemente bastante diferentes – mas os três já estão sempre presentes em qualquer ocasião (incluindo hólons pré-humanos, que se apreendem através de vários métodos, coproduzindo vários domínios). E isso significa, sem dúvida, que mudar o *Quem* ou mudar o *Como* mudará o *Quê* – donde o Pluralismo Ontológico Integral. Além disso, embora possamos dizer que o *Quê* "sub-siste" (possui o que Wilfrid Sellars, crítico pioneiro do "mito do dado", chama de "características intrínsecas"), não podemos dizer o que realmente ele é (ou o que essas características intrínsecas são) sem especificar o *Quem* e o *Como* (explícita ou implicitamente).

Ora, Sean diz que em seu *Como*, ele inclui, entre outros itens, Teoria Integral, Realismo Crítico, Teoria Ator-Rede, Estudos de Ciência e Tecnologia, e Política Ontológica. Quero só salientar que o *Como* mudará dependendo de exatamente qual é a combinação desses métodos. Não podemos simplesmente dizer que todos são importantes (de várias maneiras, todos eles são de fato importantes, assim como dezenas, talvez centenas, de outras metodologias). Eu sei que Sean sabe disso; somente desejo deixar claro como a fórmula (*Quem x Como x Quê*) é sensível a todas as alterações feitas em cada uma de suas variáveis (e eu acrescentaria, para ser incluído nessa lista, nomes como Jürgen Habermas, Michel Foucault, Martin Heidegger... até Plotino, Padmasambhava, Shankara, Eckhart... Bem, você entendeu o quadro Integral. O fato de a Teoria Integral não mencionar todos os teorizadores envolvidos não significa que eles não foram levados a sério. No livro *Psicologia Integral*, listo mais de cem teorias do desenvolvimento, todas levadas em conta na criação do componente "altitude" da Estrutura AQAL, mesmo que apenas algumas sejam mencionadas explicitamente ao explicar essa dimensão; porém, qualquer uma [ou todas elas] pode ser avocada, conforme necessário, para detalhar a Estrutura, que foi criada precisamente para ser capaz de incluir outras teorias quando conveniente).

Mas isso não significa que podemos simplesmente incluir uma longa lista de nomes e afirmar que eles fazem parte de uma Teoria Integral nova e expandida – especialmente se alguns desses nomes discordam drasticamente

dos princípios centrais da Teoria Integral ou da Teoria de Enação Integral propriamente dita. Devemos ter cuidado, por exemplo, com o tratamento dado à "ontologia" pelo Realismo Crítico, que o mesmo tende a privilegiar. Em muitos casos, o que o Realismo Crítico chama de "ontologia" não é a "ontologia real", mas a "ontologia descritiva" – ele simplesmente não capta as profundezas do que a enação está realmente fazendo (mesmo quando usa esse termo). Como Sean resume, de forma aprovadora, o argumento de Mol: "assim, práticas ou métodos usados para entender a mudança climática não apenas a descrevem, mas na verdade ajudam a produzi-la ou enagi-la". E John Law: "o argumento não é mais que os métodos descobrem e descrevem realidades. Em vez disso, é que eles participam da enação dessas realidades". Para o que Sean conclui: "Quando admitimos a natureza enagente ou performativa dos métodos, começamos a entender como o uso de múltiplos métodos para compreender um suposto fenômeno único, como a mudança climática, resulta em vários objetos – mas enredados". E isso significa não apenas objetos descritivos, mas objetos reais.

No entanto, em todos os exemplos do Realismo Crítico que Sean apresenta, alegando que apoia seu Pluralismo Integral, o autor discute múltiplos objetos descritivos, não múltiplos objetos reais. A "tipologia de problemas ambientais" de Tim Forsyth, por exemplo, divide esses problemas em quatro grandes categorias sobrepostas – realidades locais e globais vistas como "fatos brutos" ou "fatos institucionais". Os fatos brutos são apenas simples "fatos" empíricos. Quais são os exemplos de "fatos institucionais"? Ele lista "mudanças no cultivo, vulnerabilidade ambiental, desmatamento global, mudança climática antropogênica". Ele afirma que "os 'fatos brutos' ambientais (ou propriedades biofísicas) são divididos local ou globalmente (ou seja, suas diferenças são questões de localização, não de realidade ontológica). Os 'fatos institucionais' (ou definições de degradação) são controlados por práticas discursivas [isto é, como ele diz, 'definições']". Diferentes práticas discursivas dão origem a diferentes tópicos e definições de discussão, não às realidades profundas desses tópicos. Sua principal reclamação sobre como a mudança climática é tratada é que essas quatro células ficam confusas – e não que não haja metodologias reais suficientes ou um pluralismo de epistemologias suficientemente amplo para produzir e enagir uma compreensão mais abrangente do *verdadeiro* objeto múltiplo conhecido como mudança climática. Em outras palavras, seu argumento é carregado de ontologias descritivas móveis, mas nenhuma ontologia real (que ele tende a equiparar com ontologias biofísicas reais, ponto final). Não discordo dos pontos dele; eu discordo que eles sustentem o Pluralismo Integral em qualquer sentido real (não no sentido fundamental de que, como Sean diz, "o status ontológico é enagido em parte pelos meios de interação com ele" – onde "enagido" significa "cocriado").

E eu constantemente encontro isso no Realismo Crítico em geral – as pluralidades que ele reconhece que são enagidas (ou cujas ontologias realmente dependem em parte de suas epistemologias) tendem a ser ontologias amplamente descritivas, não ontologias reais (que tendem a ser definidas, voltando a Karl Popper, pela ciência e somente pela ciência,). O Realismo Crítico também não integra de maneira crível os vários domínios do conhecimento que

ele reconhece. Sean pelo menos admite que a Teoria Integral faz um trabalho melhor: "Uma das coisas que diferencia a Teoria Integral – e o Pluralismo Integral que apresento neste artigo – é uma metaestrutura que ajuda a coordenar variáveis epistemológicas, metodológicas e ontológicas, e suas complexas interações. O Realismo Crítico não oferece, em minha opinião, uma estrutura tão poderosa e acessível para fazer isso" (p.167).

Sean também cita Carolan, que em seus exemplos de múltiplos objetos diz: "Em outras palavras, o objeto muda através da translação, mas a (sub)estrutura não". Sean ressalta que Carolan chega a essa conclusão analisando dois eixos (x = complexidade e y = distância epistemológica). Sean concorda com as conclusões de Carolan e depois afirma: "Adicionei um terceiro [eixo] que representa a variedade metodológica". Se Carolan tivesse feito o mesmo, ele perceberia que algumas formas de translação mudam de fato a (sub)estrutura do objeto – e essa é uma mudança *real* e um objeto múltiplo *real*, "produzido e enagido" (como Sean diz) pelo *Como*, e não apenas um objeto descritivamente diferente. Em outras palavras, Carolan não sustenta um genuíno Pluralismo Integral (mas sim um pluralismo descritivo). Estruturas laranja veem realidades atômicas de formas incrivelmente diferentes das estruturas turquesa – não só ontologias descritivas diferentes, que Carolan fornece, mas também (sub)estruturas diferentes – ontologias reais. Mais uma vez, não discordo de tudo o que Carolan diz; resalto que ele não sustenta um verdadeiro Pluralismo Integral e uma enação real.

Sean traz um ponto levantado por Brian Eddy, a saber, que além de *Quem x Como x Quê* podemos adicionar "Onde" e "Quando", e isso é especialmente importante na contextualização do conhecimento. Concordo plenamente, mas gostaria de salientar que, na Teoria Integral, não é necessário dizer que o sujeito (o *Quem*) que está aplicando a (múltipla) metodologia no (múltiplo) objeto já está sempre totalmente contextualizado em relação ao Quadrante Inferior Esquerdo (que inclui implícita ou explicitamente um "Onde" e um "Quando"). Mas certamente não há problema em explicitar esse ponto adicionando-o ao Endereço Cósmico.

Finalmente, Sean cita uma comunicação pessoal de Mark Edwards, cujo trabalho eu admiro, afirmando que a Teoria Integral precisa gastar mais tempo expondo como chegou ao seu próprio Endereço Cósmico, embora Edwards saiba que a Teoria Integral não pode fazê-lo. "Nenhum sistema está preparado para esta tarefa. Daí a natureza fundamentalmente inadequada de todos os sistemas de correspondência." Mas a Teoria Integral já declarou isso como o "princípio IOI"⁵ – "todo sistema é incompleto ou incerto" e isso definitivamente inclui a Teoria Integral. No entanto, a Teoria Integral vai além e afirma que "a Vacuidade resgata todos os IOIs". Ou seja, o mundo relativo é para sempre incompleto ou incerto; somente o conhecimento último – dado por *prajna* ou consciência não dual, e não por *vijnana* ou consciência dualista – pode revelar a realidade suprema (Espírito ou Vacuidade). Essa realidade é real; é definitiva; é inqualificável (incluindo essa

⁵ Ver *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, capítulo 14. (N.T.)

afirmação); mas pode ser "conhecida", em certo sentido, via Iluminação ou Despertar, isto é, *satori, sahaja, metanoia, gnose, wu, moksha* – que a Teoria Integral coloca no centro de sua estrutura. O único valor de uma afirmação como a de Edwards – se não for apenas para se mostrar superior – é lembrar-nos de expor o mais completamente possível todas as pluralidades que entram em qualquer sistema (ou decisão) que consideremos (sabendo que ele será, em última análise, inadequado, mas que será mais abrangente do que as opções) – e esse é o princípio fundador e mais fundamental da Teoria Integral.

Pós-escrito

Concluindo, quero parabenizar Sean Esbjörn-Hargens por um artigo realmente excelente. Minha única ressalva importante, se é que existe alguma, é que ele não usa seus próprios argumentos com suficiente intensidade. O fato de termos múltiplos objetos *reais* (pense no que isso realmente representa!) deve significar que temos algumas enações poderosamente cocriativas sendo acionadas – que epistemologia, metodologia e ontologia estão inextricavelmente entrelaçadas, e mudar qualquer uma delas muda as outras. Mesmo no exemplo inicial intencionalmente simplista de Sean – de uma garrafa sendo usada de várias formas diversas, cada vez produzindo um artigo ou objeto genuinamente diferente – esses são objetos genuína e verdadeiramente diferentes, não apenas descrições diferentes. Isto mostra o verdadeiro poder da enação, usando as palavras de Sean, de ser genuinamente "performativa" e "produtiva". Mas ele tende a evitar essa afirmação forte, em parte, talvez, devido à sua recente paixão pelo Realismo Crítico, e em parte, talvez, devido ao colapso do pós-modernismo radical, que resultou em uma atmosfera que passou para o extremo oposto da visão kantiana. Em vez de afirmar (muito intensamente) que todo conhecimento é uma produção social, a qualquer momento que ações epistêmicas ou metodológicas são trazidas à tona como parte da cocriação ou enação de um objeto, teorizadores clamam "falácia epistêmica" – e, assim, somente a ontologia é considerada constituinte do ser de um objeto (em vez do *Quem x Quê x Como x Quando x Onde* finamente entrelaçados – afirma-se que somente existe o "Quê", por conta própria, sem qualquer enação ou cocriação). Essa é uma reação pós-moderna extrema e joga o bebê fora com a água do banho (ou, como diria Ronald Reagan, joga o bebê fora com a louça). "O mito do dado" ainda é um mito e ainda está operante, e é diretamente contradito pela existência de múltiplos objetos, entre muitas outras críticas. O fato de haver pelo menos oito perspectivas primordiais, cada uma envolvida na cocriação e enação de oito zonas ontológicas, é mais um argumento contra "o mito do dado". Adicionemos a essas oito zonas (ou quatro quadrantes), cinco a doze níveis de consciência – cada um dos quais gera e sustenta um mundo ontologicamente diferente – e se tem ainda mais evidências (é isso que Sean faz com seus oito níveis de visão de mundo ecológica e eus ecológicos – esses são mundos reais e genuinamente diferentes, não apenas descrições diferentes de um mundo imutável). "Múltiplos objetos" gerados por "*Quems*" e "*Comos*" performativos, enagentes, cocriativos são, de muitas formas, exatamente o que o Realismo Crítico está combatendo, porque

ainda não encontrou uma síntese viável entre Idealismo e Realismo, que, creio eu, é o que tanto a Teoria Integral quanto o Pluralismo Integral conseguiram encontrar.

Adendo⁶

Desde que escrevi este texto, vi vários artigos comparando e contrastando a Teoria Integral e o Realismo Crítico. Praticamente todos dizem a mesma coisa. Eles ressaltam várias maneiras pelas quais o Realismo Crítico pode se beneficiar da Teoria Integral, e quando se trata de formas pelas quais a Teoria Integral pode se beneficiar do Realismo Crítico, todos dizem, essencialmente, "uma fundamentação em ontologia".

Permita-me tecer alguns comentários sobre isso. Primeiro, se você concorda com esse ponto, siga-o completamente. Não altera em nada os itens fundamentais da Estrutura Integral. E o ponto principal do Modelo Integral é que os indivíduos podem adaptá-lo conforme lhes aprouver para atender às suas necessidades e ao que acham certo.

Mas, de certa forma, isto é injusto com a Teoria Integral. Como vários críticos que responderam ressaltaram, a Teoria Integral possui uma ontologia extensa – desde "dados involucionários" aos 20 princípios, cujo primeiro princípio é: "a realidade não é composta nem de coisas nem de processos, mas de hólons". Hólons, claro, são todos que são partes de outros todos (como um átomo é parte de uma molécula, uma molécula é parte de uma célula, uma célula é parte de um organismo, etc.; eles são todos/partes ou hólons). Às vezes, fala-se que "a realidade é composta de perspectivas que são hólons" (pelas razões explicadas a seguir). Como todos os itens de todos os quadrantes são hólons, o Mapa Integral está encharcado de ontologia (mas, como sustento, uma ontologia inseparável da epistemologia e metodologia, todas elas aspectos entrelaçados do Todo – muitos sujeitos, muitos métodos, muitos objetos – ou *Quem, Como e Quê*).

Porém, como eu disse, se alguém preferir uma abordagem do Realismo Crítico para a ontologia, sintá-se à vontade. Eu não faço isto porque significaria, primeiro, separar epistemologia e ontologia e depois "fundamentar" a epistemologia na ontologia (o item do qual a Teoria Integral, supostamente, poderia se beneficiar do Realismo Crítico) – e, além do mais, epistemologia e ontologia não são domínios separados e separáveis. Elas são, desde o início, aspectos mutuamente interativos, enagentes e complementares do Todo. Elas não podem, como comentado acima, ser violentamente separadas uma da outra para, em seguida, tentar-se reuni-las novamente "fundamentando" uma na outra. Epistemologia (e metodologia) e ontologia estão integralmente entrelaçadas e são mutuamente enagidas, cada uma contribuindo com um aspecto irreduzível do Todo da realidade, e nenhuma pode ser privilegiada (sem se recorrer ao pensamento de primeira camada). Epistemologia (e metodologia) e ontologia são

⁶ Este Adendo não fez parte do artigo original. (N.T.)

aspectos crucial e mutuamente interligados de todos os hólons existentes (infinitamente para cima, infinitamente para baixo), e são assim por causa de um pampsiquismo genuíno (e não meramente alegado) ou de um Kosmos onde a consciência, o fazer e o ser são dimensões enagentemente engajadas de um universo inseparável e infinitamente interconectado – infinitamente para cima, infinitamente para baixo.

Essa abordagem não comete nem a falácia epistêmica (a epistemologia é privilegiada e a ontologia derivada dela) nem a falácia ôntica (a ontologia é privilegiada e a epistemologia derivada dela). Tampouco vê a ontologia separada e assentada em seu próprio domínio, e nem a epistemologia separada e assentada em seu próprio domínio – mas, ao contrário, ambas surgem simultaneamente (como parte de um tetrassurgimento de quatro quadrantes, infinitamente para cima e para baixo), evoluem simultaneamente e coenagem simultaneamente. O Kosmos é simplesmente muito entrelaçado, muito inseparável e muito enagido para existir de qualquer outra forma – não há dimensões de silo em nenhum lugar do universo. Os átomos surgem ao mesmo tempo em que "se conhecem"; as moléculas surgem ao mesmo tempo em que se "conhecem"; e da mesma forma células, organismos e assim por diante. Se o seu conhecer e o seu ser não se combinam adequadamente (o que é certamente possível, e acontece de fato com bastante frequência), então o hólón afetado simplesmente deixa de surgir – deixa de ser levado adiante pela evolução, seja uma partícula subatômica, um animal ou uma ideia.

É a recusa em fundamentar a ontologia na epistemologia ou a epistemologia na ontologia que diferencia a Teoria Integral do Pós-modernismo e do Realismo Crítico, respectivamente. Em vez de dizer que a epistemologia está fundamentada na ontologia, existe uma "ressonância mútua" que ocorre – ou não – entre essas dimensões do ser, e sua mutualidade enagente "entrosasse" (e o hólón é levado adiante pela evolução) ou não (e o hólón se extingue no momento seguinte). Não se trata de dois domínios mutuamente separados (epistemologia e ontologia) colidindo entre si e refletindo ou não, mas de duas dimensões mutuamente enagidas e coexistentes entrando em ressonância interativamente no Kosmos vivo ou falhando na tentativa, momento em que a própria vida do hólón que falha em ressonar também falha em existir e desaparece na memória cósmica como um rastro do que antes existia, mas não existe mais.

Essa necessidade de enação mútua faz parte do processo criativo que gera simultaneamente múltiplos sujeitos, múltiplas ações (métodos) e múltiplos objetos – a "multiplicidade" em cada caso ocorrendo precisamente porque todos os três se entrelaçam mutuamente, e à medida que uma nova dimensão (digamos, um novo sujeito) evolui, as outras dimensões devem entrar em ressonância (e coevoluir), a fim de ressonar com a nova realidade, a fim de sustentar o hólón como um Todo/Parte. Esta Totalidade não é a soma extrínseca de domínios separados (por exemplo, epistemologia, metodologia, ontologia), mas o relacionamento dinâmico entrelaçado de dimensões holônicas intrinsecamente coevolutivas, cocriadoras e coenagentes internamente

relacionadas, que devem, de fato, entrar em ressonância umas com as outras ou defrontar-se com a extinção. É a realidade da enação mútua que estabelece uma necessidade igual de ressonância mútua entre essas dimensões em um hólón e garante que todas elas coevoluam juntas, ajustando-se e reajustando-se à realidade de cada uma até que ocorra uma genuína ressonância holística entre todas elas. É essa *ressonância mútua* entre as *dimensões entrelaçadas*, e não a "fundamentação" isolada de uma dimensão de silo em outra dimensão de silo, que permite que o conhecimento aconteça – e esta é a base fundamental do conhecimento "correto" e do ser autêntico (ressonância mútua) versus conhecimento "impreciso" e ser inautêntico (falta de ressonância mútua levando a uma fratura de uma dimensão das outras, e a tentativa frenética de reconectá-las, "fundamentando" artificialmente uma na outra).

(Daí por que "a realidade é composta de hólons" é frequentemente expressa como "a realidade é composta de perspectivas que são hólons". Essa forma simplesmente foca tanto a epistemologia – perspectivas – quanto a ontologia – hólons – e ressalta suas naturezas mutuamente coexistentes, cossurgentes e coenagentes. Perspectivas não se assentam em hólons, e hólons não se assentam em perspectivas – eles enagem e cocriam-se mutuamente, com uma mudança em um que ressoa com uma mudança no outro, como aspectos complementares do Todo, que os mantêm como Todo – e asseguram uma Epistemologia Pluralista Integral, uma Metodologia Pluralista Integral e uma Ontologia Pluralista Integral, todas entrelaçadas, todas inseparáveis – e, portanto, abertas, não à "reflexão" de silos separados, mas à ressonância mútua de aspectos complementares do Todo.)

O genuíno (e não meramente alegado) pampsiquismo (ou, como eu prefiro, paninteriorismo) é uma parte importante dessa equação mutuamente ressonante do Todo. É muito semelhante à posição de Charles Sanders Peirce – o unanimemente reconhecido gênio filosófico da América. Que epistemologia e ontologia sejam radicalmente inseparáveis significa que todo signo não está apenas representando um objeto ou referente, mas está simultaneamente, e em parte, interpretando esse referente (o cossurgimento do "conhecer" e do "ser"). Como Peirce diz sobre um ato de conhecimento semiótico, ele consiste de "uma ação, ou influência, que é, ou envolve, uma operação de *três* sujeitos: um signo, seu objeto e seu interpretante [note o "interpretante"] – e essa influência trirrelativa não pode ser resolvida de maneira alguma por uma ação entre pares [dessas três dimensões entrelaçadas]". Isto significa que o signo epistêmico e o objeto ôntico são categoricamente inseparáveis um do outro e de algum ato de interpretação, e não que um esteja "assentado" ou "reflita" o outro. Peirce comenta como isso parece esquisito para as teorias convencionais, isoladas e fragmentadas da epistemologia e ontologia: "Parece uma coisa estranha, quando se pensa em refletir sobre isso, que um signo deva deixar ao seu intérprete suprir uma parte de seu significado; mas a explicação do fenômeno está no fato de que o universo inteiro – não apenas o universo dos existentes, mas aquele universo mais amplo, que engloba o universo dos existentes como parte, o universo ao qual todos estamos acostumados a nos referir como 'a verdade' – que todo esse universo esteja repleto de signos, se não for composto exclusivamente de

signos." Signos epistêmicos, e seus objetos ônticos, andam inseparavelmente juntos – infinitamente para cima, infinitamente para baixo – e operam, diria Peirce, não com um deles separadamente "refletindo" ou "sendo fundamentado" no outro, mas com uma "perfusão" mútua de ambos por todo o universo.

(Peirce é particularmente famoso por inventar a escola do pragmatismo. Quando William James começou a se chamar pragmatista e começou a sustentar o pragmatismo, Peirce não ficou totalmente satisfeito com a apresentação exata de James e, por isso, mudou o nome de seu sistema para "pragmaticismo" – "um termo", escreveu ele, "tão feio que desencoraja o roubo".)

Porém, repito, você pode separar a ontologia e tentar assentar a epistemologia nela, se assim o desejar, e ainda assim usar a Estrutura Integral – nem um único aspecto da Estrutura é fundamentalmente alterado por esse movimento (embora sua metacompreensão seja). E os autores que dizem que a Teoria Integral carece desse tipo de "fundamento ontológico" estão absolutamente certos.

Referência

Esbjörn-Hargens, S. (2010). An ontology of climate change: Integral pluralismo and the enactment of multiple objects. *Journal of Integral Theory and Practice*, 5(1), 143-174.